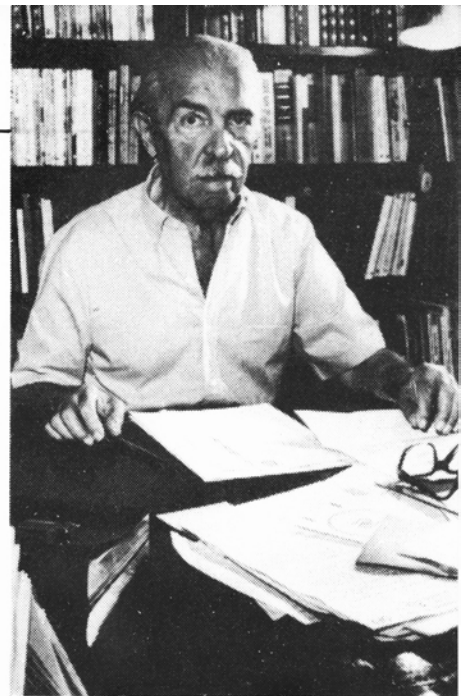

Aurélio, homem humano

Paulo Rónai



PAULO RÓNAI é tradutor, filólogo e ensaísta. Organizador e tradutor, com Aurélio Buarque de Holanda, dos diversos volumes da coleção "Mar de Histórias"; é autor de, entre outros livros de ensaios, *Escola de tradutores* e *A tradução vivida* (todos pela Editora Nova Fronteira).

Leio os necrológios saídos nos jornais e observo com pesar, sem que eu mesmo consiga escapar à imposição, que todos os verbos acoplados a seu nome estão conjugados no passado. Ele próprio, observador agudo dos fenômenos estilísticos, teria estranhado o fato; pois não pode haver presença mais atuante, mais efetiva que a sua.

O seu dicionário é o maior *best seller* já aparecido no Brasil. Em suas diversas variantes, teve sete milhões de exemplares vendidos. É só imaginar todos os habitantes do Rio andando nas ruas e sobraçando um *aurélio*: o grande, o médio, o mini ou o escolar... Não há, pois, exagero nenhum em afirmar que ele ensinou ao País consultar dicionários, isto é, atentar nas palavras, dar-lhes valor, tentar empregá-las com propriedade.

É sabido que esse êxito estonteante em nada lhe alterou o caráter, prestativo, aberto, brincalhão, nem as maneiras, familiares e espontâneas. Se a vários articulistas ocorreu ao mesmo tempo o título "O homem que virou dicionário", com o mesmo direito eles poderiam ter escrito "O dicionário que se tornou humano". Na verdade, Aurélio mudou as conotações do termo "dicionarista". Antes dele o vocábulo evocava um indivíduo carrancudo, preocupado com gramatiquices, encerrado num quarto a manipular fichas o dia todo; depois, passou a sugerir a imagem de um sujeito de espírito aberto e convívio fácil, rodeado de amigos e consultentes, andando na rua, batendo papo, lendo jornais, vendo TV e cinema, ouvindo rádio, apanhando com divertida surpresa cada palavra ou acepção nova; olhos e ouvidos sempre abertos, a mão no pulso da vida...

Ele não tinha ainda o *seu* dicionário, sendo "apenas" o coordenador de brasileirismos do *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, conhecido como "pretinho", que esse caráter por assim dizer fisiológico, palpante de sua atividade lexicográfica, já era visível. Foi o que me levou a escrever em 1946 a respeito da participação dele no volume: "É o que mais me agrada nesse belo livro: a presença de um homem vivo, que encontro nele a cada passo, sem prejuízo do valor científico; a individualidade vibrante, compreensiva e moderna de um contemporâneo que observa os fatos da linguagem com a mesma inteligente curiosidade que lhe desperta a vida, de que esses fatos são apenas os reflexos reveladores".

Tenho acompanhado a acidentada história editorial do *Novo dicionário da língua portuguesa*. Só depois de encontrar um editor compreensivo e atuante na pessoa de Carlos Lacerda pôde o autor dedicar-se integralmente ao acabamento de seu *magnum opus*, iniciado com meios financeiros insuficientes. A repercussão excepcional provocada pela obra no País inteiro continua até hoje: não há dia em que suas definições não sejam citadas na imprensa, no rádio, na televisão. Talvez por isso outras intervenções essenciais de Aurélio nas letras e na língua tenham sido menos lembradas.

Pouco tempo depois de sua mudança para o Rio, as editoras descobriram-lhe os conhecimentos sólidos, o gosto seguro, a conscienciosa meticulosidade, e começaram a pedir-lhe reedições críticas de livros clássicos. Falta compilar uma bibliografia completa de suas atividades nesse setor. Logo os representantes atuais da literatura perceberam o auxílio valioso que ele lhes podia prestar. Literatos amigos ou apenas conhecidos, entre eles alguns nomes dos maiores, puseram-se a assediá-lo com pedidos de revisão ortográfica (o que aliás não era de estranhar num

país de endêmicas reformas ortográficas). Achando que recusar tais pedidos seria indelicado (ele tinha verdadeira ojeriza a toda falta de delicadeza), Aurélio os atendia em regra geral – e já que estava com a mão na massa, não se limitava à ortografia: mexia no estilo também, eliminando aqui um cacófono, endireitando ali um erro de sintaxe, sugerindo a mudança de um adjetivo ou a supressão de um advérbio... e com uma emenda mínima o texto ganhava clareza, energia, relevo. Essas revisões executadas para amigos nunca eram pagas e muitas vezes nem sequer mencionadas no frontispício ou agradecidas no intróito das obras remendadas. Tendo de optar entre um trabalho remunerado e outro, feito de mão beijada, Aurélio não hesitava: dava preferência ao segundo. O que não só o prejudicava materialmente, mas acabou por atrair-lhe a pecha de imponente. Porém os editores que tinham paciência para esperar (e a maioria tinha) eram compensados depois pela qualidade do serviço.

(Em minha longa convivência com ele, testemunhei vários casos de atraso resultantes desses conflitos entre dever e amizade. Um deles deu-se quando da reedição de *O seminarista*, de Inglês de Sousa, cujos herdeiros juntaram-se à editora para implorar a entrega dos originais; outro, quando da memorável edição crítica e comentada dos *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto, graças à qual o grande narrador gaúcho finalmente obteve o seu lugar justo na história da literatura. Vencidos vários prazos, a Editora Globo recorreu a um estratagema: convidou o revisor a passar quinze dias em Porto Alegre. Aceito o convite, não havia como adiar a entrega. Mas quando tomamos o avião no Rio – eu estava ao lado dele na ocasião – sobravam ainda provas a corrigir, o que Aurélio fez durante o voo. Mas, chegado à destinação, já não teve tempo para guardá-las na pasta. O vento violento que soprava no aeroporto arrancou-lhe as folhas, e os amigos vindos para receber-nos – entre os quais recordo Henrique Bertaso e Érico Veríssimo – tiveram de correr atrás para apanhá-las, enquanto o minuano punha em pé os cabelos do dicionarista aflito. Em 1949 ele ainda tinha a famosa cabeleira.)

Fui, sem dúvida, o maior beneficiário da generosidade de Aurélio revisor: por mais de trinta anos, sem mesmo falar nos livros que assinamos juntos, ele teve a pachorra de rever todos os trabalhos do imigrante, ainda às voltas com os mistérios do português. Foi nesses anos que aprendi a admirar a sua probidade e a sua tolerância, o talento literário e a vocação didática. Acontecia-me, na tradução de um texto húngaro, por insuficiência de conhecimentos ou pela falta de um dicionário bilingüe, ou por ambas as causas, verter com liberdade excessiva uma expressão ou uma frase; mas o revisor não deixava passar a inexactidão, e sugeria outra versão, mais de acordo com o original (cuja língua ele ignorava). Para ele, a revisão não se limitava a um exercício mecânico: timbrava em explicar-me o porquê de suas correções, para que não recaísse no mesmo erro. Essa insistência era uma das manifestações de sua vocação de professor, que fez com que o País inteiro o chamasse carinhosamente de “Mestre Aurélio”. (Ele, porém, encontrou meio de driblar o aposto, que sua modéstia achava excessivo: para preveni-lo, ele mesmo chamava de “mestre” qualquer consulente em busca de informação, qualquer foca de jornal que vinha entrevistá-lo, e até seus jovens alunos do Colégio Pedro II.)

Estes, aliás, adoravam-no, como me foi dado constatar mais de uma vez, assistindo a suas aulas arejadas, serenas, enriquecedoras. Calhou-me presenciar um exame de segunda época presidido por ele. O aluno interrogado demonstrava ignorância total e absoluta do ponto. Em vez de mandá-lo embora logo sem mais aquela, o examinador deu-se ao trabalho de explicar-lhe longa e minuciosamente a matéria em foco, só o largando depois de elucidar os menores detalhes. Ao professor, manifestamente, interessava mais a função didática do que a judicativa.

Coisa digna de se ver era também o primeiro contato do nosso amigo com qualquer pessoa. Por afabilidade natural, tentava descobrir um interesse comum, um terreno favorável à aproximação: interrogava-a acerca da família e da genealogia, notava particularidades da sua pronúncia ou da sua fraseologia, comentava-lhe a entoação. Se fosse mulher, elogiar-lhe-ia um traço fisionômico, a cor dos olhos ou dos cabelos. Em poucos minutos o interlocutor estava conquistado: ao despedir-se, era um adepto do dicionário, quando não um colaborador do mesmo.

Mais de uma vez tive a oportunidade de testemunhar a sua extraordinária popularidade, especialmente quando da apoteose organizada por ocasião de seus 70 anos pelo município de Maceió, capital de seu estado natal. Era tocante o carinho com que seus coestaduanos, mesmo os menos alfabetizados, o cercavam. Nada lhe custaria eleger-se deputado ou senador; mas o que ele queria mesmo era continuar e aperfeiçoar o dicionário, obra de sua vida, para a qual nascera.

Não se pense, porém, que era um desses trabalhadores compulsivos à maneira japonesa ou norte-americana. Mesmo na iminência de um prazo de entrega, não recusava um convite a jantar em casa de amigos e prolongava com satisfação visível um bate-papo gostoso, compensando depois o tempo perdido (ou ganho) por longas horas de labuta noturna. Admirável contador de histórias (no que era ajudado por seu talento inato de ator), tornava-se, sem qualquer esforço, o

centro das rodas em que aparecia. Organicamente otimista, apesar das múltiplas dificuldades que tivera de enfrentar na mocidade e dos obstáculos encontrados na idade madura, em regra geral era alegre e no meio da conferência mais séria sabia como introduzir uma modinha cantada ou uma anedota picante. A meus olhos era não somente a encarnação do espírito da língua portuguesa, como também o representante mais completo da cordialidade brasileira.

A partir de um dado momento, comecei a descobrir traços de Balzac na personalidade de Aurélio: não só a inegável semelhança física, mas também parecenças íntimas, como, por exemplo, a aspiração à perfeição. Foi essa que levou o autor da *Comédia humana* a refazer continuamente seus romances e contos, tornando-o o terror das tipografias que os compunham, e que fez Aurélio adiar tantas vezes a entrega de serviços prontos, que não parava de aperfeiçoar. Talvez não chegasse a dar o sinal para a composição do *Novo dicionário*, se a presença providencial a seu lado, de Marina, sua esposa e incansável colaboradora, não o obrigasse a contentar-se com uma perfeição relativa. (O que não impediria a *Publisher's Weekly*, boletim dos editores norte-americanos, de publicar o anúncio de uma livraria especializada em lexicografia, que qualificava a obra como "o melhor dicionário do mundo".)

Tendo consagrado seus dotes desde cedo aos dicionários, não pôde Aurélio desenvolver plenamente seu talento de poeta, revelado não só no belo soneto escrito para a noiva, como também na meia centena de poesias hispano-americanas que selecionou e traduziu com engenhosa fidelidade. Da tradução em prosa deixou também preciosos modelos em sua versão dos *Poemas em prosa*, de Baudelaire, assim como dos muitos contos franceses e castelhanos de *Mar de histórias*.

Para perpetuar-lhe o nome, bastariam os contos e crônicas reunidos no volume *Dois mundos*, entre eles o antológico *O chapéu de meu pai*, traduzido em várias línguas, ou os ensaios de análise estilística enfeitados em *Território lírico*. Ao focalizar as reticências de Castro Alves ou a falta de adjetivos na *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, talvez tenha sido o primeiro a apontar valores estéticos na ausência de certos ingredientes poéticos.

Mas como dar a volta, num modesto artigo, de uma personalidade tão rica e tão múltipla? Como dar idéia de toda a sua dimensão humana? E como evitar as insuficiências da língua, as traições da expressão, a pieguice e a trivialidade? Só você, querido Aurélio, poderia salvar-me de perigos semelhantes, se revisse estas reminiscências.

BIBLIOGRAFIA DE AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA (OU AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA)

A. LIVROS

- Dois Mundos* (contos). (Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1942 (V. *O Chapéu de Meu Pai*).
- Mar de Histórias (Antologia do Conto Mundial)* (Em colaboração com Paulo Rónai). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora. 1945: I vol.; 1951: II vol.; 1958: III vol.; 1963: IV vol. (Esgotados todos os volumes).
- Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto. (Edição crítica, com amplo estudo sobre a linguagem e estilo do autor, e variantes, notas e glossário). Porto Alegre, Editora Globo, 1949 (Esgotado na 5ª edição).
- O Romance Brasileiro (de 1752 a 1930)*. (Colaboração, notas, revisão, e um estudo sobre Teixeira e Sousa). Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1952 (Esgotado).
- Apresentação de Vitorino Nemésio* (plaquete). Lisboa, 1952 (Esgotado).
- Roteiro Literário do Brasil e de Portugal* (Antologia da Língua Portuguesa) (Em colaboração com Álvaro Lins). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1956 (Esgotado na 2ª edição).
- Território Lírico* (ensaios). Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1958 (Esgotado).
- Enriqueça o Seu Vocabulário*. São Paulo, Editora Cultrix, 1958 (Em 3ª edição).

Discurso de Posse na Academia. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1964 (Esgotado).
Vocabulário Ortográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Editorial Bruguera, 1969 (Em 2ª edição).
Discursos de Posse e de Recepção (na Academia Brasileira, recebendo a Marques Rebelo). (Separata). Rio de Janeiro, 1972.
Discursos de Posse e de Recepção (na Academia Brasileira, recebendo a Ciro dos Anjos). (Separata). Rio de Janeiro, 1972.
O Chapéu de Meu Pai (3ª edição, revista e reduzida, de *Dois Mundos*). Brasília, Editora Brasília, 1974.
Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975 (Em 8ª impressão).
Minidicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1977.

B. TRADUÇÕES

Os Gazéis, de Hafiz. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1944 (Esgotado).
O Jardim das Rosas, de Saadi. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1944 (Esgotado na 2ª edição).
As Pombas dos Minaretes, de Franz Toussaint. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1945 (Esgotado).
Vinho, Vida e Amor, de Hafiz e Saadi. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1946 (Esgotado).
Poemas de Amor, de Amaru. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1949 (Esgotado).
Pequenos Poemas em Prosa, de Charles Baudelaire. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1950 (Esgotado na 2ª edição).
O Caminho da Perdição, de Upton Sinclair (em colaboração com Olívia Krähenbühl). Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1943 (Esgotado).
Amor e Psique, de Lúcio Apuleio (em colaboração com Paulo Rónai). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1956.
Sete Lendas, de Gottfried Keller (em colaboração com Paulo Rónai). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1956 (Esgotado).
Servidão e Grandeza Militares, de Alfred de Vigny (em colaboração com Paulo Rónai). Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1960 (Em 3ª edição).